



Projeto Um grito Suspenso no Ar
Oficina/espetáculo teatro e arte-performance
Relatório de Estudo I

Professora/pesquisadora Patrícia Rita

O Encanto de Tadeusz Kantor

Tadeusz Kantor, é um artista de *happenings*, esculturas, desenhos, imagens e teatro. Publicou inúmeros manifestos poéticos, que se tornaram criações memoráveis. Não são espelhamentos ou identidades entre textos e performances, e sim um jogo de afecções mútuas, no qual o próprio Kantor define, como sendo “**a realidade do nível mais baixo**”. Essa definição emblemática de sua arte faz alusão à crítica sobre a ilusão teatral e representação, a arte moderna, a abstração, o desaparecimento do objeto e da figura humana, visto que para Kantor, o “*objeto artístico*” e a “*ficção de realidade*”, estão ligados “*a um lugar real, não isolado da vida*”. Por exemplo: a Polônia, atingida pela 1ª Guerra Mundial, traz uma realidade concreta dos lugares que foram destruídos, desgastados, como espaços marcados pelo tempo. De forma análoga, Kantor traz uma pobre sala de aula, como podemos contemplar em seu espetáculo “A classe Morta”.



Foto do espetáculo a Classe Morta

Nesse espetáculo Kantor *retoma o objeto na arte*, como um “*objeto pobre e miserável*”, que sofreu a ação do tempo, que possui uma inscrição da memória na sua superfície. Ao colocar os *manequins em cena* propõe ao público a “dupla operação”, tornando o manequim a expressão da morte para o ator vivo, enquanto os corpos dos atores reaparecem como mortos e/ou como manequins, de modo que confundimos uns com os outros. Dessa maneira, sua obra teatral trabalha a condução do tempo-repetição, o objeto e o ator, a fim de pensar esta *realidade do nível mais baixo*. De certo, para melhor explicar a retomada do objeto em sua arte, o próprio Kantor nos diz:

“Não é o retorno de um degrado.

Não é também a derrota da abstração, como nos poderiam fazer acreditar os primeiros discípulos do realismo.

UM OBJETO DIFERENTE APARECE/ Não este ao qual o artista ofereceu Suas habilidades imitando-o fielmente em sua pintura. Aparece um objeto ARRANCADO DA REALIDADE DA VIDA, SUBTRAÍDO DE SUA FUNÇÃO VITAL, QUE MASCARAVA SUA ESSÊNCIA, SUA OBJETIVIDADE.

Um puro objeto.

Alguém poderia dizer um OBJETO ABSTRATO.

e além disso era um POBRE objeto incapaz de realizar qualquer função na vida, um objeto para ser descartado.

Um objeto para ser das funções vitais que poderiam salvá-lo.

Um objeto que está despido, sem função artística!

Um objeto que poderia evocar piedade e afecção.

Este era um objeto completamente diferente dos outros objetos

...uma cadeira de cozinha.

Um objeto, que estava completamente esquecido de suas funções vitais, emergiu pela primeira vez na história.

O objeto estava vazio.

Ele tinha que justificar sua existência mais para si mesmo do que para as circunstâncias estranhas a ele.

[E ao fazer isso, o objeto] revelou sua própria existência”.

Na análise dos elementos pós-dramáticos do Teatro de Kantor, o estudioso Hans Thies Lehmann, fala que há uma “forma quase ritual de evocação do passado”, produzindo uma “estrutura temporal da repetição”. O que nos remete à questão da sucessão temporal na cena que se desenvolve, no tempo e no espaço, isto é, como a sucessão se organiza. Tal, sucessão é explicada pelo filósofo Claudio Ulpiano através do pensamento bergsoniano:

“O esquema sensório motor nos traz o mundo dos nossos hábitos, congelado por nossos hábitos, onde só percebemos o que nos interessa. E o que nos interessa é determinado não só por nosso gosto pessoal, mas pelos hábitos, costumes e regras nos quais se inscreve a nossa descrição de mundo. A descrição é a elaboração de um inventário que fazemos ao longo de nossas vidas, através do qual organizamos o mundo que nos cerca.” (ULPIANO, 2009).

O teatro de Kantor não apresenta o curso de ação contínua, típico por exemplo, do drama. Esta se dá, por meio de quadros, nos quais os personagens por não possuírem um destino (elemento fundante do drama) perdem quaisquer possibilidades de se realizarem como tais. Na construção dramática, há uma abstração do ato em que a personagem emerge do passado em direção ao futuro, que estimula o espectador de ter a ideia de um desenvolvimento em cena.

O que encontramos no teatro pós-dramático de Kantor é uma reiteração de imagens que se repetem sem conflito e resolução, elementos dramáticos que juntos constroem uma dramaturgia, como nos diz Eugenio Barba, na “Arte secreta do ator”:

“Numa representação, as ações não são somente aquilo que é dito e feito, mas também os sons, as luzes e as mudanças de espaço. Num nível mais elevado de organização, as ações são os episódios da história, ou as diferentes facetas de uma situação, os espaços de tempo entre dois clímax do espetáculo, entre duas mudanças no espaço- ou mesmo a evolução da contagem musical, a mudança da luz e a variação de ritmo e intensidade que um fator desenvolve seguindo certos temas físicos precisos (maneiras de andar, de manejar bastões, de usar maquiagem ou figurino). Os objetos usados na representação também são ações. Eles são transformados, adquirem diferentes significados e colorações emotivas distintas. Todas as relações, todas as interações entre as personagens ou entre as personagens e as luzes, os sons e o espaço, são ações. Tudo que trabalha diretamente com a atenção do espectador em sua compreensão, suas emoções, sua cinestesia, é uma ação... Importante é observar que as ações só são operantes quando estão entrelaçadas, quando se tornam textura: ‘texto’.

A sucessão assim organizada de Kantor é um *todo aberto* e não leva a um desenvolvimento dramático, pois antes ‘desrealiza’ personagens que produz *cortes significantes no fluxo material e expressivo* da criação. A cena avança para uma direção sem operar a dialética de um presente, que se refere a um passado e projetando-se em um futuro; mas sim ao crescimento de um delírio cênico, de uma paisagem em transformação contínua. Trata-se do uso do *leitmotiv* (motivo condutor que estrutura o que se coloca em cena), do motivo que retorna, porém sempre através de uma diferença; quer seja no tema musical, ou na pura repetição de ações ou cenas.

Por fim, Kantor ritualiza, desconstrói para construir, desenraiza o próprio ato de dirigir, do ofício do ator e da criação. Assim, Kantor nos diz que devemos

devolver à relação espectador/ator, sua significação essencial. Devemos fazer renascer esse impacto original do instante em que um homem (ator) apareceu pela primeira vez frente a outros homens (espectadores), exatamente igual a cada um deles e, ao mesmo tempo, infinitamente estranho.

Referência utilizada:

Teatro de Kantor. Disponível em:

<http://projetcocorpopoetico.wordpress.com/acervo/o-teatro-de-tadeusz-kantor/>

<http://www.caleidoscopio.art.br/cultural/teatro/teatro-contemporaneo/tadeusz-kantor-fases-teatro-da-morte.html>

Acesso 15 jan. 2021